

A Casa dos Homens e Movimento Redpill/MGTOW: Etnografia de grupos misóginos em redes sociais no Brasil

*Rafael Ademir Oliveira de Andrade*¹

*Suyane de Oliveira Costa*²

*Cristiano de Almeida Fernandes*³

*Wuelison Lelis de Oliveira*⁴

*Aciê Iguchi*⁵

*Alice Andrade de Souza*⁶

Resumo: O objetivo deste trabalho é realizar uma investigação sobre as manifestações da masculinidade associada à violências contra mulheres e minorias apresentadas em comunidades online da Red Pill/MGTOW (Men Going Their Own Way). A perspectiva aqui adotada é de como esses movimentos desenham-percebem coletivamente as mulheres. A metodologia utilizada será da etnografia virtual, que é uma metodologia de pesquisa que combina técnicas etnográficas tradicionais com o estudo de comunidades online. Ela envolve a observação participante em ambientes virtuais, como fóruns de discussão, redes sociais e jogos online, para compreender a cultura, comportamentos e interações dos participantes. Os pesquisadores utilizam ferramentas digitais para coletar dados, como capturas de tela, gravações de áudio e vídeo, além de entrevistas online. A análise dos dados busca identificar padrões, normas e significados compartilhados pelos membros da comunidade virtual, proporcionando insights sobre a dinâmica social e cultural desses espaços digitais. Serão analisadas duas comunidades na rede social *Facebook* que serão melhor descritas na metodologia deste trabalho. Após o levantamento de dados serão analisados os discursos que envolvam a construção de uma perspectiva sobre a mulher. Este trabalho está dispensado de tramitação em comitê de ética por se encaixar em uma pesquisa censitária, ou seja, com uma amostra tão grande e dispersa que o anonimato garante sua impossibilidade de individualização, além disto, os

¹ Sociólogo e Doutor em Desenvolvimento Ambiental e Meio Ambiente. Orientador no curso de Psicologia São Lucas Afya Porto Velho. Líder do Laboratório de Estudo em Populações Negligenciadas da Amazônia - LEPONA.

² Enfermeira, Mestra em Biologia Experimental, Doutoranda em Bioprospecção e Biotecnologia pela Rede Bionorte. Vice-Líder do Laboratório de Estudo em Populações Negligenciadas da Amazônia - LEPONA. Docente no curso de Medicina São Lucas Afya Porto Velho.

³ Psicólogo e Mestre em Psicologia. Membro do Laboratório de Estudo em Populações Negligenciadas da Amazônia - LEPONA. Docente no curso de Psicologia São Lucas Afya Porto Velho.

⁴ Enfermeiro e Residência em Saúde da Família e Comunidade. Membro do Laboratório de Estudo em Populações Negligenciadas da Amazônia - LEPONA. Docente no curso de Medicina São Lucas Afya Porto Velho.

⁵ Psicóloga na Secretaria Municipal de Assistência Social e Família, Pós-graduada em Psicologia Organizacional. Pesquisadora no Laboratório Amazônico de Estudos em América Latina da Universidade Federal de Rondônia.

⁶ Graduanda em Psicologia São Lucas Afya Porto Velho.

dados serão coletados na rede mundial de computadores, com as informações dadas livremente pelos sujeitos que discursam nas redes.

Palavras-chave: redpill. casa dos homens. misoginia. etnografia

Abstract: The aim of this study is to investigate the manifestations of masculinity associated with violence against women and minorities, presented in online communities of the Red Pill/MGTOW (Men Going Their Own Way). The perspective adopted here is how these movements collectively shape and perceive women. The methodology used will be virtual ethnography, a research method that combines traditional ethnographic techniques with the study of online communities. It involves participant observation in virtual environments, such as discussion forums, social media, and online games, to understand the culture, behaviors, and interactions of participants. Researchers use digital tools to collect data, such as screenshots, audio and video recordings, and online interviews. Data analysis aims to identify patterns, norms, and shared meanings among community members, providing insights into the social and cultural dynamics of these digital spaces. Two communities on the Facebook social network will be analyzed, which will be described in detail in the methodology section of this paper. After data collection, the discourses surrounding the construction of a perspective on women will be analyzed. This study is exempt from review by an ethics committee as it fits the criteria of a census research, meaning it involves such a large and dispersed sample that anonymity ensures the impossibility of individualization. Furthermore, the data will be collected from the World Wide Web, with information freely provided by the subjects who engage in discourse on the networks.

Keywords: redpill, men's house, misogyny, ethnography.

Introdução ao tema: RedPill, MGTOW e Mulheres

O movimento Redpill, uma subcultura emergente da internet, surgiu a partir de fóruns e comunidades online, onde homens discutem sobre relacionamentos, gênero e poder, não raramente sendo conduzidos por “coachs” de empoderamento masculino, mas também retroalimentando os discursos de violência a partir de fóruns, páginas do instagram e outras redes sociais (Amato; De Barros, 2024). Derivado da metáfora do filme "A Matrix", onde tomar a "pílula vermelha" (redpill) revela a verdade oculta, esse movimento sustenta que a sociedade moderna está fundamentada em mentiras, particularmente no que diz respeito às dinâmicas de gênero e feminismo.

Os aderentes ao movimento Redpill argumentam que os homens são desfavorecidos em várias áreas da vida moderna, especialmente em questões legais, como divórcios, mães solteiras, empoderamento feminino e guarda de filhos, e nas expectativas sociais relacionadas à masculinidade. Criticam o feminismo contemporâneo, alegando que ele promove uma visão distorcida das relações de poder entre os gêneros, prejudicando os homens ao apresentar as mulheres como sempre vítimas e os homens como opressores (Amato; De Barros, 2024), o que seria uma forma de “conspiração mundial” para se diminuir o poder do ocidente ou de grandes homens.

Um dos pilares centrais do movimento Redpill é a crença na hipergamia feminina, que sugere que as mulheres têm uma tendência natural a buscar parceiros de status superior. De acordo com essa visão, as mulheres são programadas biologicamente para se relacionar com homens que oferecem maior segurança e recursos, o que, segundo os *redpillers*, leva os homens a serem constantemente avaliados e descartados se não atenderem a essas expectativas. A questão central é que os homens não estão ali, de forma alguma, defendendo seus direitos, mas sim buscando formas mais eficientes de atacar as mulheres, mesmo que o objetivo fim deste refino maléfico seja causar a morte de mulheres de forma direta, como ataques às escolas no Brasil e mundo afora que possuem forte reforço em fóruns e páginas redpill e MGTOW (Aronovich, 2019).

O movimento também enfatiza a importância do auto aperfeiçoamento masculino, incentivando os homens a melhorar suas finanças, aparência e habilidades sociais para se tornarem mais atraentes e bem-sucedidos, ou seja, estruturam a ideia de hipergamia e a reforçam internamente, criando uma espécie de competição entre os homens que são classificados entre Alfas (escolhidos) e Betas (não escolhidos) no que tange ao interesse das mulheres - a ênfase na competição e no status dentro do movimento pode levar a comportamentos tóxicos e prejudiciais, reforçando uma visão de masculinidade que valoriza a dominação e o controle em detrimento da empatia e da colaboração.

Nesse sentido, há uma forte ênfase na auto-suficiência e no desenvolvimento pessoal, que pode ser visto como uma reação ao que eles percebem como uma cultura que desvaloriza os homens, salientamos que este processo requer também a negação de mulheres que seriam consideradas cheias de “*red flags*”, ou seja, de bandeiras vermelhas, sinais de que elas seriam mulheres inferiores.

Críticos do movimento Redpill argumentam que ele promove uma visão misógina e simplista das relações de gênero, sendo uma forma de casa aos homens ainda mais adoecida - conceito que será debatido no tópico a seguir deste trabalho a partir das análises do sociólogo Welzer Lang (2001).

O movimento Redpill representa uma resposta a sentimentos de alienação e injustiça percebida entre alguns homens na sociedade contemporânea, entretanto, não voltados para o que realmente causa tal alienação como a captura das subjetividades em prol da questão do consumo, a ascensão do controle sobre o trabalho, o desenvolvimento do hiperconsumo enquanto moeda de troca entre sujeitos (Santos; Andrade, 2016) e sim direcionados para alvos que, em si, também são violentados pela estrutura ideológica que fomenta e lucra com tais violências.

Segundo Jie Liang Lin (2017) MGTOW é um movimento composto principalmente por homens heterossexuais, brancos e de classe média da América do Norte e da Europa. Diferentemente de outros grupos antifeministas, os MGTOW defendem o afastamento dos meninos/homens das mulheres e da sociedade ocidental, que consideram corrompida pelo feminismo e pela cultura contemporânea como um todo. Para eles, o sistema atual é irremediável, levando-os a “seguir seu próprio caminho”, uma vida de solidão. Os adeptos do MGTOW acreditam que são vítimas do “ginocentrismo” (Lin, 2017) e que o papel de gênero masculino aprisiona os homens como provedores silenciosos.

Convencidos de que o feminismo resultará no colapso da sociedade como um todo, os MGTOW prometem se livrar das influências ginocêntricas e fortalecer suas masculinidades sitiadas com o apoio de outros homens online (Lin, 2017), elementos clássicos da masculinidade da “casa dos homens” (Baeré;

Zanello, 2020) como cultivo da violência, da força, aversão ao apelo estético (inclusive apontando que as redes sociais seriam uma forma de aprisionamento ao poder feminino) e outros elementos são constantemente utilizados para evidenciar esta “retomada” do poder masculino: negar o moderno e abraçar o passado, ou seja, uma visão anterior do que seria ser homem.

Os adeptos do MGTOW argumentam que as leis de divórcio e custódia de filhos favorecem desproporcionalmente as mulheres, deixando muitos homens em situações financeiras e emocionais difíceis após o término de um casamento e buscam o reforço de tal questão nos grupos, fóruns e outros espaços virtuais (Lin, 2017). Eles também criticam a expectativa social de que os homens devem ser os principais provedores financeiros, o que, segundo eles, leva a uma pressão injusta sobre os homens para manterem suas famílias. Nesse contexto, os homens são incentivados a focar em seus próprios interesses, carreiras e hobbies, em vez de buscar a aprovação feminina ou o casamento, são chamados de “gados” aqueles homens que buscam sempre a aprovação feminina ao invés de “seguirem seus caminhos”.

Além disso, o movimento MGTOW aponta para a cultura moderna, que, em sua visão, promove um feminismo radical que demoniza os homens e mina sua posição na sociedade. Eles veem o casamento como um risco financeiro e emocional que pode ser prejudicial para os homens. Portanto, eles promovem a ideia de evitar relações íntimas comprometidas como uma forma de autoproteção e empoderamento masculino.

Em uma grande síntese, redpill e MGTOW são movimentos antifeministas e que caminham para a misoginia facilmente quando condensam o descontentamento de jovens privados de uma vida sexual ou amorosa “saudável” (seria necessária uma discussão sobre tal tema em outro momento) buscam refúgio na fala de outros homens que dividem a mesma perspectiva sobre a realidade social e cultural do tema, reforçando assim estereótipos, interesses e relações. É o que chamaremos de casa virtual dos homens no tópico à seguir, partindo da análise de outros textos já publicados.

Casa Virtual dos Homens

A “casa dos homens” é um conceito profundamente explorado por Valeska Zanello em suas pesquisas sobre masculinidades e saúde mental, partindo das perspectivas do Sociólogo Daniel Welzer-Lang (Baeré; Zanello, 2020). Neste contexto, Zanello e Baeré (2020) analisam como a construção social da masculinidade impacta a vida dos homens, frequentemente de maneira negativa, ensinando formas de exercer sua sexualidade e masculinidade de forma agressiva, tendo o espectro feminino como algo não desejado e que deve ser “derrotado” ou “combatido de alguma forma”. Essa “casa” é uma metáfora para os espaços sociais, culturais e psicológicos onde os homens aprendem e reproduzem comportamentos associados ao que é considerado ser homem na sociedade contemporânea e que historicamente tem aglutinado narrativas violentas.

Welzer-Lang (2001) destaca que essa casa é construída a partir de pilares rígidos, que incluem a repressão emocional, a valorização da força física, a competitividade extrema e a aversão a qualquer comportamento que possa ser considerado “feminino”. Esses pilares sustentam uma estrutura que, embora pareça oferecer proteção e status, na verdade confina os homens em papéis restritivos, limitando sua expressão emocional e contribuindo para uma série de problemas de saúde mental, assim como a reprodução das violências contra aqueles considerados “não homens”, mulheres e a comunidade LGBTQIA+, por exemplo.

Um dos aspectos centrais discutidos por Zanello e Baeré (2020) é como a casa dos homens perpetua violências, tanto contra os outros quanto contra si mesmos. A necessidade de provar constantemente sua masculinidade pode levar os homens a adotar comportamentos de risco, abusar de substâncias, envolver-se em brigas e outras formas de agressão. Além disso, essa pressão para manter uma fachada de invulnerabilidade pode resultar em altos níveis de estresse, ansiedade e depressão, problemas muitas vezes ignorados ou não tratados devido ao estigma associado à busca de ajuda.

A casa dos homens, segundo Welzer-Lang (2001), é também um espaço de isolamento emocional. Desde cedo, os meninos são ensinados a não demonstrar fraqueza ou vulnerabilidade, o que dificulta a formação de vínculos emocionais profundos e saudáveis. Essa desconexão emocional não apenas afeta a saúde mental dos homens, mas também suas relações interpessoais, contribuindo para a perpetuação de ciclos de violência e abuso.

No entanto, a discussão de Kimmel (1998) sugere que é possível “reformular essa casa”, criando limites entre novas e velhas masculinidades, esta desconstrução dos padrões tradicionais de masculinidade e a promoção de uma visão mais inclusiva e flexível do que significa ser homem são passos essenciais. Isso envolve a criação de espaços onde os homens possam expressar suas emoções livremente, buscar ajuda sem medo de julgamento e desenvolver relações baseadas no respeito e na empatia - o que na verdade significa abrir mão de prerrogativas culturais que facilitam a vida dos homens em diversos aspectos.

A casa dos homens, conforme explorada pelos autores supracitados, é uma estrutura complexa e muitas vezes opressiva, construída sobre fundamentos sociais que promovem comportamentos nocivos e limitam a saúde mental dos homens, sendo estes não o principal alvo e quem recebe tais danos em sua maioria. Quem são os alvos desta narrativa é justamente aquele corpo-ser “Não homem”, mulheres e outros corpos não dentro do padrão assim entendido como masculinos por esse discurso hegemônico.

Nossa perspectiva, juntando o que foi observado com o referencial teórico acima, é que as comunidades virtuais estudadas se comportam enquanto casas dos homens virtuais que possuem algumas peculiaridades específicas: primeiro que são gerenciadas por homens em um espaço que é considerado pelos mesmos “sem lei”, a rede mundial de computadores, segundo que não há mediação de mulheres de forma alguma nestes grupos e terceiro que há a presença de muita objetificação do corpo feminino nestes grupos que cria um vocabulário próprio para se referenciar ao feminino ou ao “não masculino padrão”.

Metodologia

A presente pesquisa adotou a metodologia da etnografia virtual, uma abordagem robusta que combina técnicas tradicionais de etnografia com o estudo de comunidades online. Inicialmente, os pesquisadores realizaram uma imersão participante nas comunidades selecionadas, “*REDPILL E MGTOW BRAZIL 007*” e “*CDG Coisas de Garotos*”, ambas localizadas na plataforma *Facebook*. Eventualmente outras páginas foram visitadas quando postagens destas duas fizerem conexão com as outras. Uma prática destes grupos é fazer postagens entre si, potencializando a rede e repetindo as mesmas afirmações.

Durante a etapa de imersão, os pesquisadores observaram as interações e discussões dessas comunidades online. Analisando os padrões de comportamento, as dinâmicas de grupo e os temas recorrentes que emergem dentro desses espaços virtuais. Além disso, foram feitas capturas de tela para documentar aspectos visuais e registrar os contextos das interações.

A intenção é explorar mais profundamente as percepções, atitudes e experiências dos participantes em relação às questões de gênero e, em particular, à construção de perspectivas sobre a mulher dentro desses grupos.

Após a fase de coleta de dados, os pesquisadores realizaram análise qualitativa dos textos coletados. Foram examinados os discursos e interações coletadas, buscando identificar padrões, normas culturais implícitas e significados compartilhados pelos membros das comunidades. Esta análise permitiu uma compreensão da dinâmica social e cultural presente nos espaços digitais estudados, análise que será exposta na seção à seguir.

É importante ressaltar que este estudo está dispensado de tramitação em comitê de ética, pois se trata de uma pesquisa censitária com uma amostra tão ampla e dispersa que o anonimato dos participantes é garantido. Além disso, os dados serão coletados na internet, onde as informações são fornecidas livremente pelos próprios participantes durante suas interações nas redes

sociais. Essa abordagem não apenas preserva a privacidade dos indivíduos, mas também reflete a natureza pública e acessível desses espaços digitais.

Resultados e Discussões

Nossa tese central deste trabalho é que esses grupos são formas ainda mais agressivas de se "criar homens", pois antes eram os pais que viviam em uma realidade mediada - querendo ou não - por mulheres. Nestes grupos há apenas homens disseminando violência e em espaço considerando ainda "sem lei" no Brasil: a internet. Para analisar tal contexto, faremos aqui a exposição de narrativas frequentemente visualizadas nos grupos, a intenção é descrever elementos culturais trocados entre os participantes que reforçam as perspectivas *Redpill* e *MGTOW*. Destacamos que os grupos possuem muitas postagens sem comentários, repetidas muitas vezes e copiadas de outros grupos *redpill/MGTOW*, aqui serão analisadas as postagens com interação suficiente para entender um diálogo entre os participantes.

"Sem paciência pra moleques" é como os participantes se referem recorrentemente à mulheres com filhos que desejam ser valorizadas em relacionamentos futuros. Repetem a frase de forma pejorativa por entenderem que uma mulher com filhos não teria direito à escolha e/ou que após uma vida de promiscuidade - cabe destacar que a maternidade é infantilmente associada à fazer muito sexo e com muitas pessoas diferentes - ela estaria buscando homens para custear suas necessidades.

Na postagem aqui analisada, as respostas seriam sempre para que a mulher, que tem 05 filhos, procure os pais para que assumam um relacionamento com ela. Entende-se que a cultura *redpill/mgtow* perpassa aos respostas nos vários entendimentos: de que a mulher teve vários parceiros e/ou um filho com cada uma, desvalorização da mulher e sua objetificação (entendendo-a como uma vagina apenas que, por ter filhos, não tem mais o mesmo uso/formato/interesse), a busca da mulher não por interesses emocionais e sim por recursos financeiros. Destacamos que tal postagem é um print de um

aplicativo de relacionamentos, colocado ali sem autorização óbvia da mulher em questão.

Em um vídeo postado por um usuário, provavelmente falso, pois sua foto de perfil é um personagem usando um terno e seu nome V. Res, postou um vídeo de uma adolescente dançando enquanto o pai assistia sem expressão e a mãe sorria. Destaca-se a expressão de descontentamento do pai ao fim do vídeo. Neste vídeo os comentários giram em torno de: o apoio da mãe para a postura da jovem que é considerada uma agressão ao pai e falas sobre não ter filhos. Ao passo que um perfil afirma que o melhor agora é “não ter filhos”, outro comenta:

“eu falo isso rapa! Aí as pessoas falam: - Não vai ter filhos por causa dos outros? Mal eles esquecem , que o **progressismo está pegando pesado no plano da destruição da família**. As influências de **putaria e arco-íris tá muito grande!** Pois pra não ter dor de cabeça futura, pra quem não tem filhos, o melhor realmente é não ter mesmo.” (Grupo “**REDPILL E MGTOW BRAZIL** 007, s/p, grifos nossos)

Percebe-se que há uma forte influência do que Lin (2017) chamou de associação com discursos conservadores, não apenas aqueles presentes na América do Norte e Europa, mas também no Brasil. A ideia de que há uma conspiração mundial para o fim da família tradicional foi e é mote de candidatos e agentes políticos no Brasil e nestes outros espaços citados. Na cultura *redpill* e *MGTOW* há eco e reflexo de tais discursos-práticas.

Dentro do espectro de palavras destes grupos há “leitada” e “ghost”. Ao passo que o primeiro faz referência à ejacular na mulher o segundo se associa com desaparecer após o sexo, sem dar satisfação. Entende-se que tais palavras possuem um espectro de reforço de outras estruturas culturais dentro das ideologias: são práticas associadas à mulheres que são consideradas inferiores - e precisamos analisar tal categorização que beira o racismo, a pedofilia e outras parafilias, o que será feito à seguir - e que reforçam a ideia de quem homens devem seguir seus caminhos sem se importar com o destino de filhos/mulheres para serem livres.

Em uma postagem sobre “é melhor viver de “xvídeos”, ler o livro “Manual Antiotário”, ter um pc gamer e comprar uma boneca inflável do que casar” os membros do grupo debatem se é melhor seguir uma vida com pornografia, jogos e o caminho redpill do que ter um casamento. As visões de que o casamento é um lugar triste, preferencialmente para homens, e que acaba sempre com o homem depressivo e dilapidado financeiramente são comuns, pois as leis brasileiras beneficiam e são criadas por um feminismo estrutural/modernismo esquerdista, reforçam o “caminho à ser trilhado” pelos MGTOWs. A presença do “manual antiotário” uma espécie de bíblia redpill brasileira do influencer Rafael Aires entre os objetos de desejo dos debatedores reforça a ideia de que *redpill* e *MGTOW* são movimentos separados apenas em suas origens. Destacamos a fala de um participante:

“O casamento chega a ser pior do que isso aí, o cara tem que **implorar pra comer a própria mulher, não pode falar alto com ela porque pode ser acusado de agressão (a)**, vive numa prisão desgraçada. Olhe num shopping ou outro lugar movimentado como ficam os rostos dos **caras casados, sempre com aspecto cansado (b)**, a mulher sempre com cara de descontente, **qualquer coisa que o cara saia fora da linha ela trai, isso quando já não está traíndo (c)** e está com o cara **só pra não ficar só ou sem grana (d)**.” (Grupo “**REDPILL E MGTOW BRAZIL** 007, s/p, grifos nossos)

Destacamos nesta fala alguns elementos já presentes na cultura *redpill/mgtow*, a percepção que a função da mulher é puramente sexual e que falar alto com a mulher seria um direito do marido/homem que é cerceado pelo Direito contemporâneo (destaque a), afirma também que os homens casados estão sempre em uma posição desfavorável (destaque b).

Destaca-se o aspecto determinístico da cultura *redpill/mgtow*: seguindo elementos de teorias já ultrapassadas na análise cultural de grupos (Laraia, 1986) e que foram e são utilizadas como forma de massificar comportamentos segregacionais (como por exemplo a análise corporal para determinar traços criminosos da teoria eugenista), os membros do grupo apresentam que mulheres terão características inexoráveis em seus comportamentos - como traírem ou trocarem “betas por alfas” - desconsiderando a perspectiva antropológica de que

os sujeitos estão entrelaçados à rede de contextos-estruturas que estão culturalmente ligados e respondem a tal estrutura (Geertz, 1989) e ainda que os grupos culturais e suas categorias - mulheres ocidentais brasileiras, por exemplo - respondem às macro e micro histórias (Laraia, 1986).

Outra comparação comum que é feita pelos grupos analisados é a comparação da mulher com bonecas sexuais, o mundo pornô e a idealização de uma mulher perfeita, deixando sempre claro que há uma superioridade natural nesta “mulher” que é idealizada pelo movimento. Abaixo, foi organizado um quadro sobre o que seria uma mulher ideal a partir dos dados coletados:

Quadro I - Modelo Ideal de Mulher para os movimentos analisados

Categoria de Análise de idealização da mulher conforme análise do conteúdo		
Comportamental Pública	Biológica-Estética	Comportamental Sexual
Não possui opinião	Não possui TPM nem “variações hormonais”	Liberalismo Sexual
Não vai trair - comportamento normal	Não deveria ter funções biológicas excretoras (“mijar/cagar”)	Deve ser virgem
Deve fazer refeições ao parceiro	Deve ser jovem	Deve ter pouca experiência sexual
Não deve ter muitos pré-requisitos na escolha de parceiros	Não deve ter estrias ou deve ter um corpo padrão	Deve estar à serviço do prazer sexual do homem
Não deve realizar joguinhos mentais	Há uma valorização da mulher branca	
Não deve ser uma “alpinista social” trocar homens pobres por homens ricos/poderosos	Deve ter um tipo ideal de anatomia vaginal	
Mulheres do sul/sudeste são superiores às mulheres do Norte/Nordeste		
Não deve ser mãe solteira		

Fonte: Os autores, 2024.

Categoria Comportamental Pública

A primeira questão desta categoria é a problemática para os membros dos grupos que as “mulheres têm opinião” ao passo que as bonecas sexuais ou garotas de programa não, o que já se classifica como uma intencionalidade de objetificação da mulher, de sua sujeição completa (Baeré; Zanello, 2020). O movimento de “saída do espaço doméstico” pelas mulheres no mundo contemporâneo (Menezes, Sousa, 2017) representa uma ameaça para os frequentadores da “casa virtual dos homens” que entendem o espaço doméstico como lugar “natural” mulher, fazendo sempre brincadeiras com “motorista de fogão” e similares.

O fato que deve ser aqui analisado é que ter opinião não representa apenas a questão da fala, mas de ter uma fala política (na perspectiva mais genérica de política) e o reconhecimento de outros direitos formais dentro da sociedade em que habitam. De forma contumaz, retirar ou debater a humanidade ou capacidade política de grupos/sujeitos é uma forma de se retirar poder decisório sobre sua própria vida, exercendo uma forma de biopoder (Mbembe, 2016), associando-se estas perspectivas, a ideia do movimento seria transformar a mulher viva em uma boneca sexual, como não é possível, escolher-se a segunda.

Na perspectiva *redpill/MGTOW* a mulher é um ser movido pelo desejo de forma incansável: ela tem o desejo sexual e vai trair seu companheiro, sempre retratado como leal e dedicado, quer seja na busca por este desejo ou pela perspectiva de um alpinismo social - trocar o “macho beta pelo macho alfa” que tem ou poder, ou beleza, ou aparência e força muscular, ou capacidade de violência ou riqueza. Desta forma, a mulher ideal vai ter algumas características relacionadas à negativa deste desejo, não trair (o que é considerado um comportamento normal para este gênero) e não ser uma alpinista social.

Outro elemento da questão comportamental é a divisão público/doméstico que fazem os participantes que se manifestam nas redes: a mulher deve se ocupar das questões domésticas como fazer comida (almoço/jantar), limpar a

casa, esperar o marido com um sorriso e com filhos ao lado, destacando de forma positiva quando existem ações de mulheres registradas em vídeos. Cabe ao homem sustentar a família e a mulher uma forma de obediência e submissão. Os MGTOW vão definir que a não realização desta separação faz com que não valha mais a pena se relacionar e sim construir uma vida individualizada.

Outras características apontadas “Não deve ter muitos pré-requisitos na escolha de parceiros” e “Não deve realizar joguinhos mentais” se relacionam com opções e necessidades inerentes não apenas às mulheres, mas a todos os seres humanos e são elementos que demonstram uma incapacidade de gerenciamento social desses sujeitos quando falamos de relações amorosas. Como será feita uma escolha de relações/parceiros sem critérios? Doutro lado “joguinhos mentais” seria algo como “viver ao lado de uma pessoa que possui diferentes comportamentos de acordo com a situação que vive” algo considerado normal pela sociologia e psicologia, mas não pelo *redpill/MGTOW*.

Reforçamos a tese de que estes sujeitos desejam se relacionar com uma boneca humana que pode ser facilmente manipulada, utilizando-se de diversos critérios prévios para se alcançar tal objetivo. Iremos falar mais sobre tal questão na análise das outras categorias.

Categoria Biológica-Estética

Retomando o que foi debatido na categoria anterior, analisando as falas do que seria uma mulher ideal para os participantes aos movimentos aqui estudados, a mulher almejada deveria se comportar mais como algo não humano, inclusive em suas funções biológicas e/ou representações estéticas.

A primeira questão é que a mulher deve ser jovem, sem estrias e deve ter um corpo padrão. Este corpo, pelo que foi possível perceber, se parece com um corpo infantil ou um que tenha constância na prática de exercícios físicos, com predominância do primeiro tipo. Há associações diretas com desenhos pornográficos ou não com a mulher ideal, fato é que esta idealização se contrasta com o que se chama de “corpos reais” tanto daqueles que exigem quanto das

mulheres que possuem suas vidas atravessadas pela realidade econômica e biológica do ser “ser humano”: este ideal está longe do real e causa dano para a auto-imagem, performance, busca por parcerias e até violência contra mulheres de forma similar ao que a idealização pornográfica causa (Baumuel *et al*, 2019).

Antes de falar sobre a questão que se destaca mais, pois se relaciona com outros aspectos político-ideológicos, duas outras características reforçam a intenção de desumanizar as mulheres dos participantes da comunidade *redpill/MGTOW*: a mulher não pode possuir TPM (tensão pré menstrual) ou mesmo possíveis “variações hormonais”. E mais, a mulher ideal não deveria ter funções biológicas excretoras como urinar ou defecar (“mijar/cagar”), assim, fica o questionamento qual tipo de ser vivo complexo ou do nosso reino *animalia* não realiza tais funções? Em síntese, tais questões reforçam a negativa de tudo que é feminino como elemento fundamental da criação desta casa virtual dos homens (Baeré; Zanello, 2020).

Destacamos, por último nesta categoria analítica, a supervalorização da mulher branca (advinda de países centrais do capitalismo, nórdicos ou do Sul brasileiro) frente às mulheres pretas, indígenas, nordestinas ou não-brancas. Remontando a perspectivas eugênicas da superioridade moral natural e determinada (Laraia, 1986) da mulher branca frente às outras raças/etnias, o movimento se associa à extrema-direita racial que tem ganho força no Brasil e no mundo nos últimos anos, com ampliação de suas forças a partir das redes sociais (Jacobini *et al.*, 2024). Na perspectiva do grupo, a mulher branca seria naturalmente mais resistente à necessidade de trair e trocar de parceiros do que as mulheres em geral possuem (hipergamia).

Ainda neste contexto, há uma idealização da vagina feminina, que deve ser “fechada”, sem grandes lábios, sem pêlos e de cor rosada, pois segundo os membros da comunidade, seria uma forma de mostrar que a mulher ainda é virgem ou não teve filhos. Alguns elementos de análise que permeiam a cultura e sua rede de significados coletivos (a) que essa vagina rosada é associada à mulheres brancas pelos membros, o que reforça o discurso anterior da supervalorização da mulher branca e depreciação racista das demais

raças/etnias e (b) de que a “vagina ideal” se aproxima de uma versão infantil de um órgão sexual feminino, aproximando o inconsciente coletivo do grupo da pedofilia, tal elemento será debatido mais profundamente no tópico sobre comportamento sexual.

Categoria Comportamental Sexual

Aqui encontramos, talvez, a parte mais violenta e conspiratória dos dados coletados a partir da metodologia aplicada. A análise do comportamento sexual feminino e a criação de um modelo ideal para os *redpill/MGTOW* de como seria o sexo praticado por esta mulher que caberia no desejo coletivo do grupo. De antemão, apontamos que são questões contraditórias: a mulher ideal deve de forma binomial ser virgem ou ter pouca experiência sexual e, ao mesmo tempo, deve estar à serviço do prazer sexual do homem e ter uma espécie de “liberalismo sexual” para responder a tal demanda.

Teorias conspiratórias sobre reprodução humana e comportamento sexual feminino são somadas à uma intenção globalista de dominação pela “esquerda ultramoderna” e similares. Destacamos dentre as postagens com maior número de comentários uma que afirma “toda vez que vc deita com uma pessoa, vc deita com o passado dela” e outra que aponta que “filhos podem nascer com categorias genéticas dos ex - parceiros da mulher”.

O grupo requebra o velho medo do liberal médio e da burguesia ascendente: de que a mulher possa se reproduzir com outro que não seja o marido/parceiro e para isto vai criar elementos regulatórios simbólicos ou aparelhos repressivos: quer seja para todos via Estado e ideologia de classe (Engels, 2019), na forma de religiosidades, proibições, arte (Freud, 2012; Sófocles, 1998) ou na forma de pseudociência compartilhada em grupos.

Ainda sobre a questão da virgindade, destacamos a fala de um participante: “depende da **classe social e local que mora...** O Governo pede para vacinar meninas de 12 anos contra o HPV, logo, se presume que em **classes menos favorecidas existe uma erotização precoce.**” (Grupo “**REDPILL E MGTOW**”)

BRAZIL 007, s/p, grifos nossos) ao passo que outro membro responde “0.5 % **maioria deficiente**” (Grupo “**REDPILL E MGTOW BRAZIL** 007, s/p, grifos nossos). Em dois comentários ressaltamos as categorias utilizadas para livremente colocar ou retirar mulheres de um status negativo - não virgens, logo, não dignas - as coisas dependem da classe social (quanto mais pobres, mais erotizadas precocemente) e onde moram. O outro comentário, respondendo a primeira fala afirma que apenas mulheres “deficientes” ou seja, com necessidades especiais, seriam ainda virgens, talvez, pela lógica deturpada de quem fez a postagem, por estarem impedidas de compartilhar da “cultura feminina” e “pós-moderna” que está afastando as mulheres de serem “honradas”.

Ainda reforçando aspectos da supervalorização da virgindade e da objetificação da mulher como algo feito para o sexo, destacamos duas falas, com grifos nossos:

“Muitas mulheres desejam casar com um cara bem sucedido na vida... Mas, o que **elas tem pra oferecer a um homem bem sucedido, em troca de casamento ??? Se não forem virgens, com certeza, já não possuem mais nada pra oferecer em troca!!!** Pois a virgindade, é o bem mais precioso que uma mulher possui pra entregar ao homem... Se já não tem o “**selinho de garantia**”, não presta pra compromisso sério nem casamento!!! Ou seja: **mulher rodada só serve pra diversão e s3x0 sem compromisso.**”

“Se não tem **o selo, é por que não é boa filha e não vai ser boa mãe nem boa esposa**, então não caia na mancada” (Grupo “**REDPILL E MGTOW BRAZIL** 007, s/p, grifos nossos)

Nas frases acima temos a representação de um espírito cultural coletivo que abunda no grupo, a ideia de que a virgindade é a garantia de que uma mulher terá, intrinsecamente, características positivas para ser boa mãe ou esposa e, não sendo mais virgem, ela não foi/é uma boa filha. Reforçando o espectro misógino do grupo, tais características não se impõem sobre os homens, sendo estes incentivados a viverem uma vida ligada ao sexo, como destacado na primeira frase anteriormente, “mulher rodada só serve pra diversão e s3x0 sem compromisso” (importante reparar no cuidado para não ser taxado pelo algoritmo da rede social ao disfarçar a palavra sexo).

Tal perspectiva é majoritária culturalmente nos setores conservadores, machistas e misóginos do Brasil e pauta de luta de movimentos feministas e progressistas da sociedade, não temos aqui nenhuma “novidade” do ponto de vista de análise destas tensões. O que destacamos é a forma pelo qual esta casa virtual dos homens é utilizada como forma de reforçar-renovar-criar tais aspectos, migrando discursos conspiratórios, pseudociência, fake news e outros aspectos da extrema direita mundial que vêm retomando a superfície do tecido social nos últimos anos.

Em uma postagem de tom alarmante (uma fake news) sobre robôs com pênis de 30 centímetros vão substituir os homens, um participante - que é um perfil verdadeiro, com emprego em uma empresa real, com formação em um Instituto Federal - comenta: “Acho isso um grande tocar de berrante, chamando o gado para o pasto, querendo fazer com que voltem pra plantação... Shamming não é. Homens são mais discretos com suas Dolls, não ficam fazendo propaganda que elas só pelo silêncio, são melhores que as mulheres... Deixe elas fazerem isso a vontade, pelo menos vão dar um tempo da dog pill”.

A “dog pill” é mais uma teoria *redpill/MGTOW*. Afirmar que as mulheres preferem se relacionar com cachorros do que com homens. Em vídeo em nota de rodapé⁷ abaixo é possível ouvir pelo autor que “tem cachorro que tá comendo mais gente do que você, tá?”, somado a tudo isto, temos, novamente, teorias da conspiração da possibilidade de mulheres engravidarem de cavalos ou cachorros, algo negado pela ciência básica. O autor do vídeo destaca dois autores que irão, segundo ele, usando de teoria científica, explicar o comportamento bestial da mulher que busca a tal da “dog pill”. O curto vídeo teve 400 comentários na plataforma e foi repostado em diversos espaços, incluindo a comunidade aqui analisada no artigo, acompanhado das hashtags “#redpillbrasil #mgtowtiktok #sigma #relacionamento” destaca dois autores que aglomeram discursos e seguidores deste movimento.

⁷ Não recomenda-se assistir este vídeo a não ser para aferir a veracidade da análise. Mesmo que não tenha nada explícito, o que seria um crime e denunciado pelos autores do artigo, faz referências esdrúxulas na relação ser humano-animais. Link: https://www.tiktok.com/@hercules_s/video/7194835734891695365

Conclusões e Reflexões

Primeiro, as reflexões. Finalizando este trabalho foi possível chegar a conclusão que é o primeiro de muitos possíveis. O que começou com um debate entre psicólogos, enfermeiros e sociólogos (e estudantes da área em formação) sobre masculinidades se transformou no mergulho em um mundo de violência, conspirações, mentiras, misoginia e outras ideologias ultra-violentas. Foi um esforço pessoal terminar a leitura e escrita.

Sobre as conclusões possíveis, destacamos que ainda há muito o que se analisar e que possivelmente as palavras, os elementos estéticos, as aproximações com a pedofilia e outras parafilias, visões políticas (eleições, representantes e similares ao campo) e sobre a mulher devem se transformar em outros trabalhos de Iniciação Científica ou formação continuada de estudantes de Psicologia, Ciências Sociais, Enfermagem e outras ciências que debaterem a questão de gênero, políticas públicas e sociedade.

São muitos os elementos reforçadores de comportamentos culturais e muitos podem ser vistos nas comunidades *redpill/MGTOW*, o que deduzimos a partir das que foram aqui analisadas que os processos de endoculturação na formação de jovens e adolescentes para o que seria relacionamentos/sexo está presente na forma de rituais e cerimônias coletivas, sendo elementos de transição de uma fase para outra, coletivamente aceitas por aquele povo/grupo (Van Gennep, 2014) e que vão reforçar coesão social e comportamentos esperados, assim como atribuir elementos de tabu/exclusão em comportamentos rejeitados, promovendo a solidariedade entre os sujeitos.

Desta forma, os rituais de fazer parte da comunidade, comentar, compartilhar textos/imagens/vídeos, participar de lives e ler livros da *Redpill/MGTOW* seriam formas de abraçar a cultura da comunidade. Destacado de tempos em tempos, a imagem do filme Matrix - tomar a pílula vermelha e despertar ou a azul e adormecer - reaparece no grupo. Engolir a redpill seria como sair de um contexto e ir para outro.

A estrutura tripartite do Ritual em Van Gennep (2014) pode ser analisada na transição do blue para redpill:

(a) o processo de separação (pré-liminar) onde o sujeito é separado de seu status anterior, o que requer um isolamento físico ou simbólico, no contexto aqui analisado, cria-se uma espécie de ódio ao blue pill que são chamados por nomes ofensivos para a comunidade: beta (contrário de alfa), miquéias (o homem bom com mulheres, que é o contrário de chad, o que apenas transa), dentre outros. Importante separar simbolicamente o novo redpill/MGTOW (neófito) a partir desta vergonha, em pouco tempo o iniciante sentirá vergonha de publicamente ser afetuoso com mulheres ou transar visando um relacionamento futuro.

(b) Na Margem (parte Liminar) o sujeito está entre estados (não é nem red nem bluepill), mas está em processo de aprendizado e transformação. Este momento de ambiguidade é suscitador de anomias sociais, sendo o sujeito impelido a transicionar para a nova etapa, pós-ritualística.

(c) na fase de Incorporação (pós-liminar) o sujeito retorna para a sociedade com um novo estado, sendo totalmente desligado de seu estado anterior. Na imagética redpill é como se o mesmo tivesse tomado a pílula vermelha e despertado. A partir daí ele “compete” por um status dentro da comunidade da mesma forma que outros grupos sociais contemporâneos, com relatos, comentários, produzindo ou compartilhando vídeos, dentre outras ações que quanto mais se vinculam diretamente à ideologia dominante, mas são reproduzidas e reforçam o poder do produtor/divulgador.

Este processo ritualístico é poderoso tal qual seria em outros grupos: se torna uma filosofia de vida seguida, ao menos, nas redes sociais, e que vai levar-nos até ataques contra meninas em escolas e violência física e simbólica contra mulheres (Aaronovich, 2019). Aqueles que abandonam são logo classificados como inferiores e fracos. Para finalizar e destacar o poder social do discurso redpill, destacamos a fala de um participante da comunidade: “Nem refutou e nunca refutará a redpill, mais de uma coisa eu tenho certeza e que a redpill é cirúrgica , logo ele vai cair nas profecias da red.”. A filosofia redpill é,

para seus seguidores, capazes de prever algo que ocorrerá, como uma profeta da forma de agir das mulheres e da sociedade como um todo.

É neste caldeirão coletivo que bebem muitos de nossos adolescentes e jovens brasileiros.

Referências

Amato, B., & de Barros Pinto Miguel, R. (2024). De Matrix a Suzano: manófera, teoria red pill e o massacre da escola Raul Brasil. **Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura**, 7(22). Recuperado de <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15797>

ARONOVICH, Lola. **Massacre de Suzano, um crime anunciado**. Escreva, Lola, Escreva (blog). 14 de março de 2019. Disponível em: <<https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2019/03/massacre-de-suzano-um-crime-anunciado.html>>. Acesso em: JUL 2024

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em estudo**, v. 25, p. e 44147, 2020.

BAUMEL, Cynthia Perovano Camargo et al. Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. **Psico-USf**, v. 24, p. 131-144, 2019.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, do Estado e da propriedade privada**. Boitempo Editorial, 2019.

FREUD, Sigmund. Freud (1912-1914)-Obras completas volume 11: **Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. Editora Companhia das Letras, 2012.

JACOBINI, Ana Clara Borini et al. A ascensão do neonazismo em Santa Catarina e sua correlação com a extrema direita na internet. **Revista Avant**-ISSN 2526-9879, n. Especial, 2024.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n.9, p.103-117, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

LIN, Jie Liang. **Antifeminism online. MGTOW (men going their own way)**. Acessado em degruyter.com, transcript, 2017.

MENEZES, Elisângela Ferreira; SOUSA, Rúbia Elza Martins de. AS SUBJETIVIDADES DA REALIDADE VIVENCIADA NO ESPAÇO RIBEIRINHO: JUVENTUDE E GÊNERO NA COMUNIDADE DE NAZARÉ”. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 th Women’s Worlds Congress**, 2017.

SANTOS, M. do C.; ANDRADE, R. A. O. de. Adorno, Horkheimer e Huxley: leituras sobre nosso “Admirável Mundo Novo”. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas-BA: Fábrica de Letras - UNEB, v. 1, n. 1, p. 55–84, 2016. DOI: 10.30620/gz.v1n1.p55. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/2239>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Curitiba: Coleção L&PM Pocket, 1998.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Editora Vozes Limitada, 2014.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, vol.9, n.2, p.460-482, 2001.